

## Perspectivas sobre a Relação entre o Imaginário e a Cegueira

### *Perspectives on the Relationship between the Imaginary and Blindness*

Sandra Simone Moraes de Araújo<sup>1</sup>

#### Resumo

Este texto busca refletir sobre o que é a cegueira e como pessoas cegas compõem imagens. Na sua composição foram utilizadas um itinerário de leituras que envolveu a ciência e a literatura. O cinema também foi um meio de obter informações para compreensão do tema abordado. Após a análise dos dados, foi percebido que a capacidade imagética do humano não é constituída apenas por imagens visuais, pois, se assim fosse, pessoas cegas não imaginariam nem criariam sonhos e devaneios, isto porque, o imaginário é dinâmico, não se reduz a capacidade de criar imagens, é potência organizadora de estar no mundo.

**Palavras-chave:** Cegueira. Imaginário. Imagem.

#### Abstract

This text intends to reflection what blindness is and how blind people compose images. In its composition, an itinerary of readings involving Science and literature was used. The cinema was also a way of obtaining information to understand the subject addressed. After analyzing the data, it was perceived that the imagetical capacity of the human is not made only by visual images. If it were so, blind people would not imagine or create dreams and day dreams this because the fictional is dynamic, it does no traduce the competence to create an image and it is the organizing power of being in the world.

Keywords: Blindness. Imaginary. Image

## 1 Introdução

Este artigo corresponde a um fragmento da tese de doutorado intitulada: Narradores do Sensível um estudo sobre o imaginário e a cegueira na Cidade do Recife, que foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

1 Docente do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco – UPE, Brasil. Docente do Mestrado Profissional sobre Culturas Africanas da Diáspora e Povos Indígenas – UPE, Brasil. Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Brasil.

E-mail: sandra.araujo@upe.br

O propósito de realizar um trabalho envolvendo o tema da cegueira partiu da reflexão sobre a teoria do imaginário de Gilbert Durand, que o concebe, como o conjunto de imagens que compõem o capital pensado do *Homo sapiens*, e constitui a essência do espírito, como um esforço do ser humano em contrapor-se ao mundo objetivo da morte.

Segundo o autor, na dinâmica do imaginário a essência do espírito impulsiona a capacidade humana de significar, as imagens são elementos organizadores da cultura e por meio delas o homem percorre o trajeto antropológico<sup>2</sup>, pois,

O imaginário não é mais que este trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual reciprocamente, como provou Piaget, as representações subjetivas se explicam pelas acomodações anteriores do sujeito ao meio objetivo (Durand, 1997, p.41)

O imaginário pode ser considerado como essência do espírito, à medida que o “ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções), é a raiz de tudo aquilo que para o homem existe.” (Pitta, 2005, p.15)

É na relação do sujeito com o meio, que os sentidos, a linguagem e as imagens, possibilitam a apreensão das formas, das cores, dos sons e cheiros, enfim, da sensibilidade. É no contato com as coisas do mundo, que o homem desenvolve sua capacidade de transformar, inventar, imaginar e produzir cultura. Segundo Edgar Morin:

(...) a cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, das memórias históricas, das crenças míticas de uma sociedade. (Morin, 2005, p.19)

Na cultura se desenvolve a dinâmica das relações dos indivíduos entre si e com a natureza. Nesta dinâmica, de acordo com Durand (1997), encontra-se o símbolo como a expressão do imaginário, constituindo-se em imagens que na interação entre os sujeitos ganha significado.

Quando se fala em imagens o pensamento logo conduz para algo que é percebido pelo sentido da visão. De uma forma muito apressada poderíamos pensar que alguém que não pode enxergar não teria capacidade de compor imagens, nem de compreender os símbolos de sua cultura. No entanto, compreender a imaginação como uma capacidade do espírito humano, é reconhecer que mesmo sem a visão o indivíduo pode imaginar e significar. Assim, é nesta perspectiva epistemológica que encontrei o fundamento teórico para este estudo.

Os cegos, principalmente os que são portadores da cegueira congênita, desenvolvem a capacidade de apreender e se relacionar no contexto de sua cultura de maneira diversa do

---

2 Trajeto Antropológico, ou seja, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social. (Durand, 1997,41)

vidente. É esta maneira que busco apreender e assim entender como esses sujeitos percorrem o trajeto antropológico.

## 2 O Imaginário e a Cegueira

A cegueira, ou a tiflose, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) é uma “acuidade visual igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com melhor correção óptica” (Lima et al., 2008, p.07). Pode ser congênita ou adquirida, em consequência de diversas doenças como: glaucoma, retinose pigmentar, catarata congênita, dentre outras. Mas também, ocorre como resultado de lesões sofridas, tanto nas vias ópticas que interligam os estímulos percebidos pelos olhos ao sistema nervoso, quanto nas áreas do cérebro responsáveis pela visão, ocasionando a chamada cegueira cortical<sup>3</sup>.

No dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*, embora se encontre a definição de cegueira como privação do sentido da visão, este termo também é sinônimo de: “falta de lucidez ou sensatez; extrema afeição, paixão, deslumbramento e fanatismo.”<sup>4</sup> Tais definições ampliam o sentido da palavra, deixando apenas de designar um aspecto biológico, passando, também, a ser utilizada como metáfora.

Mas, é importante salientar que todos os sentidos metafóricos ou não, são forjados pelo imbricamento natureza e cultura que envolve: literatura, mito, história, ciência, religião, etc. Expressões como: o pior cego é aquele que não quer ver, nó cego, o amor é cego e a cegueira do conhecimento refletem a forma como encaramos a tiflose e, conseqüentemente, os significados atribuídos a ela.

Na literatura, que aborda o tema da cegueira, três autores me chamam atenção: O primeiro é José Saramago. Na sua obra *Ensaio Sobre a Cegueira*, uma cidade padece com uma epidemia que deixa toda população cega. Se antes da enfermidade, o cotidiano desse lugar se organiza pela primazia do sentido da visão, sem esta, seus habitantes necessitam reaprender a viver sem usar os olhos. Sentimentos se misturam diante do susto provocado pela treva branca: medo, violência, mesquinhez, solidariedade e amor, envolvem os personagens que vagam de cá para lá e se abrigam em lojas, armazéns, porque dificilmente encontram suas residências. O lixo e excrementos aumentam pelas ruas, a energia elétrica deixa de funcionar, há escassez de água e comida. Neste cenário afloram os instintos de sobrevivência, mas ao mesmo tempo os personagens empreitam uma jornada para “recompor suas vidas, entender

3 A cegueira cortical ocorre quando pessoas deixam de enxergar por causa de danos no cérebro. TN (iniciais do paciente) sofreu “dois acidentes vasculares cerebrais que danificou a área traseira do cérebro chamada córtex visual primário. Seus olhos continuam saudáveis, mas, como seu córtex visual não recebe mais os sinais enviados, TN ficou completamente cego”. No entanto, um vídeo gravado por pesquisadores o mostra caminhando “por um longo corredor repleto de caixas, cadeiras, artigos de escritório espalhados (...) ele não sabe que os obstáculos estão lá, mas mesmo assim se desvia de todos (...). TN não pode enxergar, mas ele tem a **visão cega** – a notável capacidade de responder ao que seus olhos detectam sem saber que pode ver alguma coisa”. (Gelder, Beatrice de. A Estranha Visão dos Cegos in **Scientific American Brasil**. Ano 8. nº 97. Duetto. Junho. 2010. p 62- 67).

4 Link: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=cegueira&stipe=k&x=14&y=8>

os novos significados. Sem os olhos, talvez a humanidade possa perceber os desastres que causaram a si mesma. Segundo Saramago “Somos cegos pela razão porque a usamos para destruir a vida em todos os planos, não para expandi-la<sup>5</sup>”.

O segundo autor é Herbert Wells. Em *A Terra dos Cegos*, descreve um lugar imaginado situado a trezentas milhas ou mais de Chimboraza, nas regiões mais selvagens dos Andes. Lá, embora toda a população seja cega, há um campina onde se planta e se colhe o alimento que abastece a cidadela. As correntes de irrigação correm morro abaixo e se juntam a um “canal principal cercado de cada lado por um muro a altura do peito.” (Wells, 2004, p. 499). As ruas são pavimentadas com pedras pretas e brancas, são extremamente limpas. Seus habitantes largam o trabalho ao amanhecer e o descanso termina no pôr do sol. Lá, as crianças já nascem cegas e no vocabulário desta cidadela não existe a palavra ver.

O terceiro autor é Jorge Luís Borges que foi deixando de enxergar gradativamente, no intervalo entre 1927 a 1950. Portador de uma doença hereditária submeteu-se a oito cirurgias nos olhos, mas mesmo assim, os procedimentos da medicina não impediram que sentisse uma névoa cair sobre si e se interpor “entre ele e a página que devia escrever ou o livro que tratava de ler. As letras formigavam e pululavam; os rostos, os rostos familiares, iam diluindo-se; as coisas e os homens foram deixando-o” (Borges, 1970, p.57). Estava diante do fim do ser humano que aprendeu a lidar com as coisas do mundo por meio da visão. Agora precisava se reinventar:

Uma consequência perceptível de minha cegueira foi meu abandono gradual do verso livre em favor da métrica clássica. Na verdade, a cegueira me fez retomar de novo a poesia. Já que rascunhos me eram negados, tive de recorrer à memória. É obviamente mais fácil lembrar o verso do que a prosa e lembrar às formas regulares de verso de preferência às livres. O verso regular por assim dizer é portátil. (ibid, p.114).

Seus versos também são mensageiros de sentimentos diante da cegueira:

(...)

Demócrito de Abdera arrancou-se os olhos para pensar;

o tempo foi meu Demócrito.

Esta penumbra é lenta e não dói;

flui por um manso declive

e se parece à eternidade.

Meus amigos não têm rosto,

5 FOLHA.COM. **Leia trechos da sabatina de José Saramago à Folha em 2008**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/753137-leia-trechos-da-sabatina-de-jose-saramago-a-folha-em-2008.shtml> acesso em 06/011/02010.

as mulheres são o que foram faz já tantos anos,  
 as esquinas podem ser outras,  
 não há letras nas páginas dos livros.  
 Tudo isto deveria atemorizar-me,  
 Mas é uma doçura, um regresso.<sup>6</sup>

Para Borges a cegueira não é uma desgraça e não deve ser percebida como algo comovente, mas como um modo de vida, uma experiência do ser humano (2009, p. 149). No entanto, deixar de enxergar na vida adulta é difícil e doloroso porque exige um novo aprendizado para lidar com as práticas da vida diária. Mesmo assim mantém-se esperançoso: “digo que quando algo termina, devemos pensar que algo começa. O conselho é salutar, mas é de difícil execução, já que sabemos o que perdemos não o que ganhamos” (ibid, p. 145).

Mas, quando a cegueira ocorre na infância, a criança já constrói suas relações com o mundo de forma diferenciada. Para as pesquisadoras Célia Amorim e Maria Glicélia Alves: “a criança cega bem estimulada e que recebe o apoio necessário nos primeiros anos de vida, tanto no âmbito familiar como em Serviços de Intervenção Precoce, ela chega aos 3/4 anos de idade com um desenvolvimento bem próximo ao da criança que vê.” (Amorim e Alves, 2008, p. 11). A estimulação essencial deve ocorrer nos primeiros anos de vida. As atividades que possibilitam o desenvolvimento dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato, paladar, cinestesia), a orientação e a mobilidade irão facilitar o convívio e a autonomia da criança, e, posteriormente do adulto cego, tanto nas atividades da vida diária, quanto nas relações sociais e profissionais.

Estudos da neurociência<sup>7</sup> sugerem que as funções cerebrais se organizam sob a influência de aspectos internos (biológicos) e externos (relação com o ambiente). Essas duas dimensões interferem tanto no processo de formação do cérebro, que tem início na gestação e finda na adolescência, quanto nas consequências de lesões sofridas na idade adulta. Essa possibilidade de reordenamento de áreas do córtex é chamada de *plasticidade cortical*. (Gazzaniga, 2006, p. 622).

Helen J. Neville ao realizar estudos dos sistemas neurais responsáveis pela cognição em crianças que nasceram com “surdez bilateral devido à falha genética no desenvolvimento da cólcea” (Neville, 2006, p. 644), observou que o processamento visual se espalhou pelas áreas corticais responsáveis pela audição. Um reordenamento que amplia a capacidade visual nos surdos, tornando-a maior do que nas pessoas que não sofrem de privação auditiva. Do mesmo modo, como observa Gazzaniga (2006), pesquisas realizadas com cegos congênitos e com peoas que perderam a visão antes dos cinco anos de idade, sugerem uma reorganização

6 Borges, Jorge Luís. Elogio da Sombra in **Elogio a Sombra**. 4ª Ed. Globo. Rio de Janeiro 1970. p. 61.

7 Esta hipótese foi explorada em um estudo recente de TEP (tomografia com emissão de pósitron).

nas funções cerebrais, levando a crer que o córtex visual é reaproveitado pela função tátil.

Essa maleabilidade do córtex também ocorre em adultos que sofreram lesões cerebrais. Oliver Sacks (2006) apresenta o caso do pintor que ao padecer de uma concussão na região da cabeça perde a capacidade de ver as cores (acromatopsia cerebral), mas ao mesmo tempo percebe que sua acuidade visual se tornara mais nítida, podia distinguir uma pessoa a um quilômetro de distância, embora o rosto fosse inidentificável até que ele chegasse bem perto. Passado um ano do acidente, este pintor sofria de uma amnésia de cor porque até em seus sonhos ela desaparecera, mas passou a fazer uma perfeita escala de tons cinza e suas pinturas em preto e branco são bem sucedidas.

Embora tenha sido possível definir a principal lesão no cérebro do Sr. I (...) continuamos em completa ignorância quanto às mudanças “superiores” do funcionamento cerebral(...). Não dispomos no momento dos instrumentos necessários para mapear as consequências neurais mais sutis e superiores de perda sensorial, mas (...) os trabalhos da última década mostraram a maleabilidade do córtex cerebral e a que ponto a maneira como o cérebro “mapeia” a imagem corporal, por exemplo, pode ser drasticamente reorganizada e revisada, não apenas em consequência de lesões e imobilizações, mas do uso especial ou desuso de partes individuais. Sabemos, por exemplo, que o uso constante de um dedo ao se ler em braille leva a uma enorme hipertrofia da representação desse dedo no córtex (Sacks, 2006, pp. 49-50).

A interação do indivíduo com o ambiente, utilizando os instrumentos que lhe são disponíveis possibilita o desenvolvimento de diversas habilidades e isso ocorre tanto com um normovisual, quanto com o indivíduo que perdeu alguma capacidade perceptiva. Uma pessoa que não sofreu dano cerebral se diversifica de outra pelos estímulos que recebe durante a sua formação. Um músico, por exemplo, devido ao constante treinamento, pode apresentar uma acuidade auditiva maior do que alguém que não possui a mesma experiência.

É comum afirmar que pessoas cegas mostram aumento de acuidade dos sentidos remanescentes (tato, olfato, audição e cinestesia) o que reitera as ideias de Edgar Morin (1999) a respeito da capacidade humana de auto-organizar-se.

Mediante o advento da cegueira, os demais órgãos dos sentidos vão se adequando, é indubitável que os estímulos recebidos durante o percurso educativo, sejam na escola, no ambiente familiar, ou em qualquer outro, favorecem o seu desenvolvimento, a exemplo da professora de braille que tive, durante o curso de tiflogia. Ela deixou de enxergar na tenra infância e a sua relação com as coisas do mundo se deu mediante a educação para pessoas cegas. Sempre me surpreendo ao vê-la deslizar seus dedos sobre os textos escritos neste sistema de escrita; seu tato é bastante sensível, capaz de perceber pequenos detalhes, algo que não consigo realizar. Quando escorrego os meus dedos por cima dos pontos que formam as letras, sinto apenas o relevo sobre a folha, somente com os olhos tenho êxito na leitura de textos escritos em Braille.

Todas as vezes que tento ler com meus dedos, compreendo o que Maturana e Varela (2001) dizem sobre *acoplamento estrutural*. Todo ser vivo tem uma estrutura inicial, e as

interações com o meio onde vive possibilitam modificações nessa estrutura, ao mesmo tempo o ambiente também sofre transformações. Entre o ser e o lugar, há uma “compatibilidade ou comensurabilidade. Enquanto existir essa comensurabilidade, meio e unidade atuarão como fontes de perturbações mútuas e desencadearão mutuamente mudanças de estado”. (Maturama e Varela, 2001, p. 112).

Nesse movimento de transformação recíproca entre o indivíduo e o meio, surgem mecanismos de aprendizagem diferenciada que são inseridos no cotidiano, a exemplo do Sistema Braille de escrita, criado em 1825 que favoreceu o desenvolvimento da educação de pessoas cegas.

Durante muitos anos a educação de pessoas cegas foi realizada em locais específicos, como é o caso do Instituto dos Cegos do Recife<sup>8</sup>, ou numa sala de educação especial, que funcionava dentro de uma escola concebida para normovisuais. Entretanto, no percurso educativo de pessoas cegas, nem sempre foram esses os espaços frequentados, a exemplo da minha professora de braille que estudou junto a crianças sem deficiência devido ao empenho da sua família e de professores que encontrou no seu percurso educativo. Como na história dessa professora, também ouvir outros relatos sobre a presença de um professor especializado no ensino de pessoas com deficiência que indicam aos pais de crianças cegas espaços educativos para o desenvolvimento das mesmas. Como o fio de Ariadne que conduziu Terseu para fora do labirinto, é esse alguém, principalmente nos primeiros anos de estudo, quem indica alternativas, até então desconhecidas pelos pais, se tornando um mediador entre o *lócus* familiar e a vida pública.

Na autobiografia *História da Minha Vida*, Helen Keller também refere a presença de uma professora como alguém que tornou possível a sua relação com o mundo exterior. Com apenas 19 meses de idade a autora contraiu meningite ou escarlatina, não se sabe ao certo, em decorrência ficou cega e surda. Keller definia a sua condição de surdo-cegueira, como estar mergulhada numa profunda solidão, por não possuir a compreensão das coisas ao seu redor, pouco conhecendo das “ternas afeições que se originam das palavras, ações e companheirismo carinhoso (...) o mundoparado e escuro em que eu vivia não havia nenhuma ternura ou sentimento forte pelos outros” (Keller, 2008, 14,21).

Helen foi educada por uma professora do Instituto Perkins, que morou em sua casa por um longo período. Aprendeu a linguagem sensorial, comunicando-se por meio do toque de suas mãos com as da professora, que lhe ensinou um alfabeto constituído por diferentes posições dos dedos. Após anos de estudos, em sua residência, e em seguida em instituições, Helen aprendeu a falar e formou-se em filosofia. Define que o conhecimento é amor, luz e visão. “No início eu era apenas uma pequena massa de possibilidades. Foi minha professora quem as desdobrou e desenvolveu. Quando ela veio, tudo em torno de mim passou a exalar amor e alegria e se tornou cheio de significado.” (Keller: 2008, p.37).

A pessoa cega geralmente é percebida como incapaz porque necessita de cuidados

8 Instituto Antônio Pessoa de Queiroz (IAPQ)

especiais. Neste caso, a nomenclatura especial é compreendida como um atributo de inferioridade, e não como aspecto de uma necessidade diferenciada. Observa Durand (1997) que no isomorfismo da luz e da visão, a cegueira se assemelha à queda, isto porque as relações do cotidiano são construídas, na sua maioria, por meio do visível.

Para Michel de Certeau (2009), as paisagens do cotidiano são verdadeiras viagens do olhar. São espécies de *outdoors*, placas de sinalização, itinerários, vitrines, trânsito e os olhares que se cruzam entre os transeuntes. Como em qualquer lugar do planeta, vivemos na era da imagem, nossa cultura parece inspirar-se nas palavras de São Tomé: ver para crer. Georges Balandier (1999) comenta que na atualidade embarcamos no planeta-imagem. A tecnologia vem, ao longo dos anos, ampliando as telecomunicações, e nesse processo a imagem manifesta sua eficácia, ela ratifica a crença no visível, exaltando-o como referência de veracidade do real.

No planeta-imagem também prolifera a vigília, inspirada no personagem mítico Argos<sup>9</sup> com seus múltiplos olhos que tudo vigia; atualmente são as câmeras de vídeo, espalhadas nos centros urbanos, como Londres, São Paulo, Recife ou nos edifícios públicos e privados. Também, ao nosso redor se desenvolve um espetáculo fabuloso do mercado. São múltiplas as estratégias de sedução para a venda de produtos; embalagens fantásticas, propagandas que despertam o desejo, etc.

A imagem comercial forma opinião, a mídia a difunde e a consagra como mercadoria. “Entra em curto tempo em nossa paisagem mental, e nós entramos nela, a fim de assumir seu ritmo” (Balandier, 1999, p. 133). Ela se populariza e toma conta da nossa rotina; aos poucos, sem perceber, começamos a subestimar o potencial dos outros sentidos e a visão parece tomar conta de tudo, ouvimos, cheiramos, e às vezes até comemos com os olhos.

A visão também se torna importante, como argumenta Gazzaniga, porque possibilita a obtenção mais rápida da informação distanciada, encarregando-se da “detecção remota ou percepção exteroceptiva (...). As vantagens para o emprego da sensação remota são óbvias. Um organismo certamente pode melhor evitar um predador ao detectá-lo à distância.” (Gazzaniga, 2006, p. 168). Mas, esta percepção não é um privilégio da visão, pois a audição também é um sentido que detecta informações à distância. O morcego, por exemplo, usa a eco localização para caçar, guiar-se, enfim, sobreviver. Mesmo aqueles que dispõem de boa visão como é o caso dos *Rousettus*, “são capazes de se orientar na escuridão total, quando até os melhores olhos são inúteis. Para isso eles empregam o sonar, (...) estalam a língua com força e ritmadamente enquanto voam, e navegam medindo o intervalo de tempo entre cada estalo e seu eco.” (Dawkins, 2001, p. 46).

Entre os humanos é a visão que prevalece, basta pensarmos nas coisas que fazemos diariamente, o lugar onde moramos, as diversões que buscamos, mesmo quando vamos ouvir uma sinfônica, temos o hábito de dizer que a assistimos. Marilena Chauí chama atenção para

9 De acordo com algumas versões, Argos possuía um só olho. Em outra teria quatro: um par para ver de frente e outro para olhar para trás. Outras versões atribuíam-lhe, finalmente uma infinidade de olhos repartidos por todo o corpo. (Grimal: 1997,41).

o fato de que nosso vocabulário está imbuído de expressões que exaltam a visão: veja bem, logo se vê, está vendo, ponto de vista e visão de mundo. “Assim falamos porque cremos nas palavras e nelas cremos porque cremos em nossos olhos: cremos porque as coisas e os outros existem porque vemos e que os vemos porque existe”. (Chauí, 1998, p. 32).

Nesse contexto, deixar de enxergar é percebido como perda, sentir-se fora do jogo do planeta-imagem, e a isto, também são somados os estigmas, aos quais, não só pessoas cegas estão submetidas, mas também as surdas, as que necessitam de cadeira de rodas para se locomover, enfim com qualquer indivíduo que apresente algum tipo de deficiência, ou integre outras minorias como: negros, baixinhos, gigantes, gordos, magros, mulheres pobres, etc.

Desde que comecei a pesquisar sobre a tifofose, e, por conseguinte, sobre a visão, tenho encontrado argumentos que abordam o visível para além do funcionamento dos olhos ou de todo o aparato cerebral que os envolve. Quanto ao invisível, autores como Carlos Castañeda relaciona-o à clarividência, à visão interior, à imaginação, aos significados, etc. As experiências vividas por Castañeda (2009) junto a Dom Juan, índio *yaqui*, habitante de Sonora, cidade do oeste mexicano, confirmam tais relações.

Segundo os ensinamentos do índio *yaqui*, a capacidade de usar a visão não indica que o indivíduo saiba ver. Neste caso, ele apenas olha. Olhar e ver se constituem em diferentes percepções. Enquanto o primeiro diz respeito apenas à forma que nos habituamos a perceber as coisas ao nosso redor, o segundo vai mais além, e exige que o homem penetre na essência das coisas. Para ver, é preciso ultrapassar a racionalidade e deixar-se invadir pela sensibilidade e intuição. Segundo Castañeda é o invisível que permite perceber as sensações que envolvem o som, o movimento, o cheiro e a visão, tal percepção transpõe o homem para outros mundos. Não é uma tarefa fácil, é necessário um intenso treinamento.

Para ver é preciso aprender e esta não é uma prerrogativa apenas para enxergar o invisível, como ensina Dom Juan, mas também, para entender o que está ao nosso redor. Um exemplo emblemático desse fato, é tratado por Sacks (2006), no Estado de Oklahoma, localizado no Centro-Oeste dos Estados Unidos. Virgil, cego desde a tenra infância, construiu a sua relação com o mundo a partir da cegueira, aprendeu a ler e a escrever em Braille, a andar com bengala, etc. Aos quarenta e cinco anos, após realizar um procedimento cirúrgico para a remoção de catarata, voltou a enxergar.

Ao descrever suas percepções sobre esse caso, Sacks observa que “o comportamento de Virgil não era por certo o de um homem de visão, mas também não era o de um cego. Era, antes, o comportamento de alguém mentalmente cego, ou agnóstico – capaz de ver e não decifrar o que está vendo” (Sacks, 2006, p. 122). O autor considera que uma pessoa de visão normal realiza um percurso de aprendizagem sobre os objetos, indivíduos, formas, contornos, espacialidades, diferenças de cores que durante a vida compõem uma memória visível. Virgil não possui tal memória, então como poderia reconhecer coisas, pessoas, animais com a visão se não foi assim que aprendeu a lidar com o mundo? Como saber o conteúdo, as formas e

as cores, sem antes tê-las experimentado por meio do visível? Segundo Virgil, caminhar era “assustador e confuso sem o tato, sem sua bengala, com suas noções incertas e instáveis sobre o espaço e a distância” (idem, p. 124).

As experiências de Castañeda e Virgil exigem um reordenamento da capacidade de ver, o primeiro empreende uma busca pela visão que vai além do uso dos olhos; o segundo necessita aprender a usá-los. Ambos os casos denunciam diferentes possibilidades de acessar o visível e o invisível.

Segundo Maurice Merleau-Ponty (2007) o olhar é um sobrevoo sobre as coisas visíveis, uma apalpação do olho sobre o entorno. Para ver, inicialmente, é preciso que o indivíduo pertença a esse mundo sensível. Por meio de seu corpo ver e é visto, toca e é tocado, etc. Ele está na ordem do sujeito e na do objeto e esta reversibilidade não se restringe apenas ao visível, envolve também o invisível, porque um é o avesso do outro, se complementam mutuamente (Merleau-Ponty:2007, pp. 130 e 147). O visível é esse mundo tangível que nos rodeia, o ser, as coisas e a natureza que é compreendida mediante o invisível que se expressa no som, na linguagem, no significado. Merleau-Ponty argumenta:

Assim como há uma reversibilidade daquele que vê e daquilo que é visto, assim como no ponto em que se cruzam as duas metamorfoses nasce o que se chama percepção, assim há também, uma reversibilidade da fala e do que ela significa; a significação é o que vem selar, fechar, reunir a multiplicidade dos meios psíquicos, fisiológicos, linguísticos da elocução. (ibid, pp. 148 e 149)

O significado revela-se na intersecção das experiências de um ser com o meio e com outros seres, pela engrenagem de uns com os outros. Como parte desta engrenagem se destacam os órgãos dos sentidos, são espécies de elos que integram o conhecer, entendendo-os, não como simples condutores de informações, mas como elementos que interagem com o córtex e modelam a aderência do percebido ao contexto.

A percepção é um ato inacabado, um mesmo objeto pode adquirir diferentes expressões, dependendo do observador e da maneira como este o observa, e a fluidez perceptiva faz o elo com a consciência, local onde ocorre a relação entre a ideação e o percebido, ou seja, entre a transcendência da imaginação e o que é inerente ao objeto. O conhecimento se efetiva então, na relação dialógica entre a vivência e a imaginação.

(...) a consciência dispõe de duas maneiras para representar o mundo. Uma direta, na qual a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação. A outra indireta quando, por esta ou por aquela razão, a coisa não pode apresentar-se “em carne e osso” à sensibilidade, como por exemplo, na recordação da nossa infância, na imaginação do planeta Marte (...). em todos estes casos de consciência indireta, o objeto ausente é re-presentado na consciência por uma imagem, no sentido muito lato do termo. (Durand, 1993, p. 07).

De certo que, para Durand, não há uma linha precisa que separe um nível do outro, ele efetua tal distinção para uma melhor compreensão da articulação entre o objeto e a

imaginação. Nesta articulação encontra-se o símbolo que estabelece a conexão entre o mundo e o eu. Ele pertence à categoria do signo, aqui compreendido em seu caráter alegórico apresentando uma realidade significada dificilmente apresentável (ibid, p. 8)

O símbolo é dinâmico e ganha significado de acordo com a visão de mundo existente em cada cultura. Está presente nos rituais, nos mitos, na literatura, e estabelece a relação entre a imagem e o imaginário.

Na relação da imagem percepção, imagem-recordação, proliferam imagens que vão influenciar novas invenções e novos signos. “No aparecimento do homem imaginário junta-se indissolavelmente o homem imaginante (Morin, 1999, p. 102). Na dialogia entre os objetos e a mente humana é que vai se constituir a estética do mundo exterior, e nesse movimento, segundo Morin, a sensibilidade vai além do simples olhar; a visão como desenvolvimento primordial para apreensão das imagens, não é única, envolve todos os sentidos do corpo, não apenas os que somos acostumados a referir como no caso da visão, olfato, tato, paladar, audição, mas também a cinestesia e a propriocepção<sup>10</sup>; e na relação conjunta de todos os sentidos se constrói a sensibilidade estética sob as coisas do mundo.

Os olhos das pessoas cegas são áreas de silêncio, por isso a capacidade de ver não se encontra no órgão da visão, mas nos demais sentidos do corpo que informam as coisas e os seres numa interface com a linguagem. Ver, neste contexto, é sinônimo de conhecer; o conhecimento se encontra no fazer, ao mesmo tempo em que tudo o que se faz é também uma produção de conhecimento (Maturana e Varela, 2001). E se desenvolve num processo contínuo de retroalimentação que envolve habilidades variadas de acordo com as experiências vividas e o aparato cognitivo. Desta forma, o tato é uma via de acesso para conhecer/ver/sentir o tangível.

O tato, de acordo com Michel Serres (2001), é o sentido mais privilegiado, não se concentra apenas em nossos dedos, mas se espalha por todo o corpo, através da pele que é o véu que nos reveste. Ele pode acessar o objeto sem vê-lo, apenas tocando-o, ao mesmo tempo em que convida o corpo a sentir o rugoso, o liso, a profundidade das formas, o contorno, etc.

A capacidade de cada sentido é ilimitada e por vezes uns prevalecem sobre os outros, como Hermes que mata Argos utilizando a música que sai da flauta de Pã. O poder de Argos vem da visão, dos seus múltiplos olhos que tudo vigia; mesmo quando dorme, metade deles fica aberta. Mas Hermes usa de sua astúcia e empreende a luta da visão contra a audição, com uma melodia que sai da flauta dá fim a vigília, e os cem olhos adormecem, podendo se aproximar e matar o gigante, cumprindo, enfim, a ordem de Zeus. (Serres, 2001, p. 41). O som mostra, assim, um poder invisível;

se a visão fornece uma presença, não o som (...) o olhar nos deixa livres, a audição nos

10 A Revista Scientific American dedicou uma edição especial sobre os segredos dos sentidos e afirma que as sensações apreendidas pelo corpo não se encerram apenas na visão, no tato, olfato, paladar e na audição. Há outros meios como a cinestesia (capacidade de sentir o movimento) e a propriocepção (capacidade de sentir as variações da temperatura e da pressão).

cinge; quem se livra de uma cena abaixando as pálpebras, cobrindo os olhos com as mãos, ou voltando as costas e fugindo, não consegue se livrar de um clamor. Nenhuma divisória, nenhuma bola de cera bastam para detê-los, qualquer matéria, a rigor, vibra e conduz o som, sobretudo a carne. (...) Visão local, audição global (...) o som não conhece obstáculos. (ibid, p.42)

O cheiro, o sabor e a temperatura também são elementos que provocam sensações que, tal como o som, fazem parte do invisível. Todos esses sentidos fazem parte do ver, e contribuem para a construção da imagem. Bachelard (2001) argumenta que a imagem percebida e a imagem criada (imagem imaginada) são categorias diferentes: “tudo aquilo que é dito nos manuais sobre imaginação reprodutora deve ser creditado à percepção e à memória. A imaginação criadora (...) cabe a essa a função irreal que é (...) tão útil como a função real” (Bachelard, 2001, p. 3). Ambas são responsáveis pelo ajuste do humano ao contexto cultural e estão presentes tanto no devaneio quanto no sonho.

No diálogo entre as três irmãs - cegas congênicas – que protagonizam o documentário *A Pessoa é para o que nasce*, o sonho contém imagens visuais:

Maria – Quando a gente está sonhando é bom demais, a gente vê as coisas.

Conceição – Vê as plantas.

Maria – Anda pra todo canto só, e não é nunca que nem agora.

Conceição – Quando está sonhando vai pros cantos e vem sozinha.

Regina – A gente vê coisa bonita.

Conceição – Vê tanta coisa bonita.

Regina – É por isso que o povo diz que tem hora que o cego vê.

Conceição – É quando ta sonhando

Maria – Agora, eu já sonhei, sonhei vendo o mar. Agora, quando eu sonhei a água estava muito forte. Eu achei bonito e tive medo, porque nunca vi! Quando acordei, eu disse: será que o mar é desse jeito que eu sonhei?<sup>11</sup>

O espaço onírico, segundo Bachelard (1985), é o lugar dos movimentos imaginados, um convite à liberdade, ao desejo e até ao indesejado. Mas, os depoimentos aqui apresentados divergem quanto a existência de imagens visuais nos sonhos de pessoas que nasceram cegas. Estudos realizados por psicólogos da *Universidade de Hartford* sugerem que cegos congênicos ou que perderam a visão antes dos cinco anos de idade raramente sonham com conteúdos

11 A PESSOA é para o que nasce. Direção Roberto Berliner. Rio de Janeiro. TvZERO. 2004.

visuais; o mais comum é sentir as sensações mais fortes do paladar, do tato e de olfato. No entanto, crianças que deixaram de enxergar após os cinco anos, normalmente, continuam sonhando com imagens visuais, embora a assiduidade e a nitidez diminuam no decorrer do tempo<sup>12</sup>.

Ao realizar estudos sobre a imaginação de pessoas cegas, Sacks (2010) apresenta controvérsias quanto a presença de imagens visuais em indivíduos que deixaram de enxergar na vida adulta como é o caso de John Hull que aos 13 anos de idade foi acometido por catarata, 4 anos mais tarde perdeu a visão do olho esquerdo, até os 35 anos a visão do olho direito foi sendo reduzida e aos 48 anos ficou cego total. Segundo o autor, Hull após torna-se cego gradualmente foi perdendo a capacidade de formar imagens e sua memória visual foi extinta, exceto nos sonhos.

Já Sabriye Tenberken, um caso também apresentado por Sacks (2010), é deficiente visual desde o nascimento, mas até os doze anos discernia rostos e paisagens. Sua condição de cegueira não a impediu de construir “imagens mentais tão vívidas e detalhes que maravilham os ouvintes” (Sacks, 2010, p.188). Um exemplo é a descrição do grande lago salgado do Tibete que ao visitá-lo, o ver por meio por meio da sua imaginação:

Uma praia de sal cristalizado tremeluzindo como neve ao sol do entardecer, na orla de uma grande massa de água turquesa. [...] E embaixo, nos flancos verde-escuros da montanha, alguns nômades vigiam seus iaques a pastar”. Acontece que ela não estava “olhando” para o lago – voltada para outra direção, “fitava” rochas e uma paisagem cinzenta. Tais disparidades não a desconcentravam nem um pouco. Ela gosta de possuir uma imaginação tão vívida. É uma imaginação essencialmente artística, que pode ser impressionista, romântica e nada verídica. (ibid, p.188).

Sobre a existência ou não da imagem visual na imaginação da pessoa que nasceu cega, que perdeu a visão na tenra infância ou na idade adulta, penso que ainda necessita ser amplamente investigada, mas os sonhos Sabriye e das irmãs Maria, Regina e Conceição, personagens do documentário *A Pessoa é para o que Nasce*, são pistas que levam a crer que a capacidade imagética também se constitui pelo tato, olfato, paladar, audição, cinestesia e propriocepção.

Os depoimentos comunicam conteúdos diferentes aos comumente retratados quando se fala da imaginação; sobre isto, pode-se supor que a capacidade imagética do humano não é constituída apenas por imagens visuais, pois, se assim fosse, pessoas cegas não imaginariam nem criariam sonhos e devaneios. Como disse a minha professora de braille: “Nós (cegos) vivemos igual a quando você ler um livro, você vai imaginando as coisas da forma que está sendo descrita, na cegueira tudo é muito sutil, porque o nosso mundo é imaginário, e imaginário para a gente é real.” Assim é também o mundo de qualquer pessoa que enxergue porque o imaginário é dinâmico, não se reduz a capacidade de criar imagens, é potência organizadora de estar no mundo.

12 O'Connor, Anahad. Deficientes visuais podem sonhar com imagens. **The New York Times**, 18 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI3400851-EI238,00.html>. Acesso em 30/05/2010.

## Referências

- Amorim, C. M. A., & Alves, M. G. (2008). *A criança cega vai à escola: preparando para a alfabetização*. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos.
- Bachelard, G. (1985). *O direito de sonhar*. São Paulo: DIFEL.
- Bachelard, G. (2001). *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Balandier, G. (1999). *O dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Borges, J. L. (1970). *Elogio da sombra*. (4ª ed.). São Paulo: Globo.
- Borges, J. L. (2009). La ceguera. In: *Siete noches*. (pp. 139-158). Madri: Alianza Editorial.
- Castañeda, C. (2009). *Uma estranha realidade*. (16ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Era.
- Certeau, M. (2009). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. (16ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Chauí, M. (1988). Janela da alma espelho do mundo. In Novaes, A. et al. (Org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dawkins, R. (2001). *O relojoeiro cego: a teoria da evolução contra o designo divino*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Durand, G. (1993). *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70.
- Durand, G. (1997). *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes.
- FOLHA.COM. Leia trechos da sabatina de José Saramago à Folha em 2008. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/753137-leia-trechos-da-sabatina-de-jose-saramago-a-folha-em-2008.shtml>
- Gazzaniga, M., et al. (2006). *Neurociência cognitiva: a biologia da mente*. (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Grimal, P. (1997). *Dicionário da mitologia grega e romana*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Keller, H. (2008). *A história da minha vida*. Rio de Janeiro: José Olympo.
- Lima, E. C. et al. (2008). *Convivendo com a baixa visão: da criança à pessoa idosa*. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos.
- Maturana, H., & Varela, F. (2001). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena.
- Merleau-Ponty, M. (2007). *O visível e o invisível*. Perspectiva.

- Morin, E. (1999). *O paradigma perdido: a natureza humana*. Portugal: Europa-America.
- Morin, E. (2005). *O método 4 – as idéias: habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina.
- Neville, H. J. (2006). Marcos em neurociência cognitiva. In Gazzaniga, M. et al. *Neurociência cognitiva: a biologia da mente*. (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Pitta, D. P. R. (2005). *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora.
- Revista Scientific American Brasil*. (2010). Ano 8. nº 97. Duetto. Junho. 2010. p 62- 67.
- Sacks, O. (2006). *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sacks, O. (2010). *O Olhar da mente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Serres, M. (2001). *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Wells, Herbert George. (2004). Em terra de cego. In Calvino, I. (Org.). *Contos fantásticos do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.

### **Filmografia**

- Berliner, R. (Dir.) (2004). *A pessoa é para o que nasce*. (90 minutos). TV Zero/ Europa Filmes.